

Excerto de “Aquele que Volta Tarde” (2018) / *Excerpt from “The Latehomecomer” (2018)*

*Kao Kalia Yang**

Autora. Mestre pela Universidade de Columbia.

*Priscila Campolina de Sá Campello***

Tradutora. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora adjunta de literaturas em língua inglesa no Curso de Letras da PUC Minas (Belo Horizonte-MG) desde 2001 e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma instituição desde 2013.



<https://orcid.org/0000-0001-8113-4606>

*Tiago Ruas Dieguez****

Tradutor. Doutorando em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela PUC Minas (Belo Horizonte-MG) e bolsista Capes I. Especialista em Tradução pela Universidade Estácio de Sá e especialista em Linguagem, Tecnologia e Ensino pela UFMG. Graduou-se em Direito na UFMG e cursa atualmente Letras, Licenciatura em Português-Inglês, na PUC Minas.



<https://orcid.org/0000-0003-1641-3945>

Recebido em: 29 set. 2023. **Aprovado** em: 10 nov. 2023.

Como citar esta tradução:

YANG, Kalia Yang. Excerto de “Aquele que Volta Tarde” (2018). Tradução: Priscila Campolina de Sá Campello; Tiago Ruas Dieguez. Campina Grande: *Revista Letras Rara*, v. 12, n. 3, p. 259-277, dez. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10459266>

RESUMO

O presente texto é uma proposta de tradução, do inglês para o português, de um excerto do livro de memórias “The Latehomecomer: A Hmong Family Memoir” da autora hmong-estadunidense Kao Kalia Yang.

*



kaokaliayang@gmail.com

**



priscilascampello@gmail.com



ruasdieguez@gmail.com

ABSTRACT

The present text is a proposal of translation from English to Portuguese of an excerpt from the work "The Latehomecomer: A Hmong Family Memoir" by the Hmong-American author Kao Kalia Yang.

KAO KALIA YANG

Tailândia

Kao Kalia Yang nasceu na Tailândia em 1980, no campo de refugiados de Ban Vinai, um acolhimento para a etnia hmong do Laos. Durante a Guerra do Vietnã, os Estados Unidos recrutaram os hmongs como aliados, o que ficou conhecido como “Guerra Secreta”, uma tentativa comandada pela CIA contra a facção comunista Pathet Lao na guerra civil laociana. Quando as forças norte-americanas se retiraram da região, em 1975, a Pathet Lao buscou exterminar todos os hmongs que os EUA não haviam resgatado do país. Em vez de enfrentarem duros campos de reeducação, muitos hmongs fugiram para a selva ou realizaram a perigosa travessia do rio Mekong até os campos de refugiados na Tailândia, como fizeram os pais de Kao Kalia, em 1979. Ela descreve os sete anos que passaram no refúgio como “uma espera na poeira vermelha”, dormindo em barracos de madeira e subsistindo através de escassas refeições da ONU. O pai de Kao Kalia foi o primeiro do grupo familiar a inscrevê-los para migração aos EUA e, assim, o casal e as filhas passaram dois anos no Centro de Processamento de Phanat Nikhom antes de chegarem a St. Paul, Minnesota.

Os Yangs fizeram parte do segundo maior grupo de imigração hmong após a aprovação da Lei dos Refugiados de 1980; antes disso, aproximadamente trinta mil hmongs viviam nos EUA, mas esse número disparou para 186.000 no ano 2000. Inicialmente dispersos pelo país, muitos hmongs buscaram se reunir aos seus familiares em áreas agrícolas de clima moderado na Califórnia. Nos anos 1980, a área de Minneapolis-St. Paul tornou-se um centro para o povo hmong, em razão do apoio de agências voluntárias em Minnesota, como também por contar com assistência estatal e organizações beneficentes locais. Kao Kalia rapidamente demonstrou habilidade para a escrita em inglês, surpreendendo seus instrutores, já que era bastante relutante para falar. Posteriormente se graduou em Estudos Americanos pela Carleton College, antes de estudar Escrita Criativa na Columbia University, onde realizou seu mestrado.

Sua obra *Aquela que Volta Tarde: as Memórias de uma Família Hmong* (2008) é o primeiro livro autobiográfico de uma escritora hmong a ser publicado nos Estados Unidos. Ganhador de vários prêmios, relata a história angustiante da família da escritora no Laos e na Tailândia e suas posteriores experiências de imigração. Yang também escreveu o documentário de curta-metragem *The Place Where We Were Born* (2008) e é cofundadora do Words Wanted, um serviço de escrita e tradução para refugiados. Os trechos seguintes descrevem os primeiros anos de sua família em St. Paul, época em que seus pais somente conseguiam encontrar trabalho em fábricas e ficavam constrangidos por receberem assistência governamental. A autora reflete, então, sobre seu relacionamento com a cultura hmong e se compara com os irmãos e outros parentes emigrados como ela ou nascidos nos Estados Unidos.

Excerto de *Aquela que Volta Tarde*

– 2008 –

Os blocos do condomínio McDonough haviam sido construídos, depois da Segunda Guerra, para os soldados retornados e suas famílias. Foram as primeiras unidades habitacionais de baixo custo no estado de Minnesota, os edifícios feitos de concreto. Tudo era frio e forte, construído para durar um bom tempo. E haviam durado, e haviam esperado por nós, soldados de uma guerra distinta, que retornávamos não para nossas famílias, mas para o que restou delas.

Localizado em St. Paul, o Projeto Habitacional John J. McDonough abrigou muitas famílias hmongs. Era menor do que o Campo de Refugiados de Ban Vinai, mas como ficava em um terreno elevado, lembrava outros lugares em que o povo hmong havia vivido, chorado e morrido. Quando a imaginação irrompia, eu fantasiava que as colinas cobertas de grama eram montanhas, o local de descanso de nossos antepassados. Nos momentos de silêncio, quando minhas mãos e meus pés não estavam ocupados com algo, sabia que nossa casa era diferente dos lares das crianças americanas da TV ou das que moravam em grandes avenidas.

Todos os prédios do conjunto eram retangulares e feitos de cimento, todos eram da mesma tonalidade de bege com telhados marrons e tinham janelas pequenas cobertas com uma tela de aço. A simetria do lugar era similar à mesmice das nossas vidas; todas as famílias envolvidas com a escola e com o inglês, comprando em brechós e dirigindo carros usados, vivendo

todo mês do auxílio social e do benefício governamental por incapacidade. A verdade começava a surgir: as vidas que vivíamos na América estavam longe de ser a vida que os adultos haviam imaginado nos campos da Tailândia.

Minha família viveu na Timberlake Road, nº 1475, apto. C. Era um apartamento pequeno, para casais com poucos filhos. Nosso segmento do edifício consistia em dois quartos, um banheiro, uma sala pequena, uma cozinha e um vazio e frio porão de concreto. Os quartos não tinham armários, apenas espaços cavados nas paredes com uma barra presa na frente. Em cabides de metal finos e enferrujados, minha mãe pendurava nossas melhores roupas da Tailândia. Dentro de cestos de plástico, ela dobrava nossas calças e as poucas peças de roupas que havíamos conseguido nos subsolos de igrejas. O banheiro era minúsculo e perfeito para duchas, mas, fora isso, desinteressante. A sala era meu cômodo preferido. Nela havia uma TV em preto e branco e dois sofás do início dos anos 1970, um de cor verde escuro que cheirava a cigarro e outro de cor laranja, mofado, que tinha pelos de gato e cachorro entrelaçados em suas fibras rígidas. A cozinha pertencia à minha mãe, que frequentemente parava de pé junto à pia ou ao fogão. Lá ficava nosso primeiro eletrodoméstico comprado nos Estados Unidos, uma panela elétrica de arroz vinda do Japão, que conseguimos em uma loja oriental. O porão não pertencia a ninguém. Era escuro e vazio. Às vezes eu ficava de pé em frente à porta aberta, olhando as sombras que cobriam as escadas, sentindo o ar gélido que escapava dali e tomava os poros da minha pele, tremendo ante a escuridão, desafiando e me esquivando do seu alcance infalível. Toda vez que eu parava no topo da escada e olhava para baixo, me perguntava: por que os cômodos foram feitos para abrigar o escuro, na América, se as luzes podiam clarear tudo?

Era como se nosso tempo na Tailândia — e o modo que havíamos vivido e desfrutado e esperado — não houvesse feito parte do mundo.

Minha família fez parte da maior onda de refugiados hmongs que entrou no país. Muitos de nós nos estabelecemos na Califórnia, em Wisconsin ou em Minnesota. Em 1980, o censo registrou 5.204 hmongs nos Estados Unidos. Já em 1990, isso aumentaria para o considerável número de 90.082. Mas a história das vidas do povo hmong no país não havia mudado muito nos idos de 1987. Em 20 de outubro de 1980, o *St. Paul Dispatch* publicou uma história intitulada “Aumenta hostilidade contra os hmongs”. Em 11 de junho de 1987, a manchete dizia algo similar: “Vândalos atacam jardins hmongs pela terceira vez nesta primavera”. Minha família chegou em

julho. Estávamos apenas começando a jornada. Nas ruas, às vezes, as pessoas gritavam mandando-nos de volta para casa. Junto a cumprimentos, levantavam o dedo do meio.

Minha mãe e meu pai nos diziam para não olharmos para os americanos. Se os víssemos, eles nos enxergariam. Durante o primeiro ano e meio, só queríamos ser invisíveis. A qualquer lugar que íamos para além do Conjunto Habitacional McDonough, éramos observados, e nos sentíamos expostos. Todos nós chegamos à conclusão de que os hmongs precisavam de escolher uma de duas opções para sobreviverem na América: crescer ou envelhecer. No caso dos visivelmente novos, a decisão era tomada por nós. Para aqueles com mais idade, a opção também era fácil de adivinhar. Para os desmantelados pela guerra, prejudicados pelos anos de combate, a assistência social e os benefícios por invalidez eram opções. Para minha mãe e meu pai, obrigados a se tornarem adultos bem antes do tempo, chegou o governo e lhes contou: o auxílio não vai durar para sempre. Ela tinha vinte e cinco anos. Ele tinha vinte e oito. Sabiam que queriam uma chance para trabalhar, mas não sabiam como assegurar essa chance; então, nas ruas, ante as sobrelhas erguidas dos homens, em sua maioria brancos, eles nos mantinham perto por segurança.

Nas colinas do Conjunto Habitacional McDonough, com o sol a pino no céu de verão, o povo hmong aprendeu como caminhar na América, as crianças querendo se soltar de seus pais, que as seguravam cada vez mais forte. Dawb e eu não podíamos caminhar da forma como fazíamos antes. As mãos que nos seguravam estavam ainda mais decididas que antes e exerciam muito mais pressão. Quando eu saltitava, minha mãe dizia que cair na calçada machucaria muito, e então eu corria para acompanhar a sua marcha agitada. Quando Dawb mancava, meu pai se posicionava à sua frente, protegendo-a com seu corpo, e eu a vi aprender a se fortalecer por ele. De noite, as crianças olhavam para os tetos brancos e se lembravam de como havia sido tempos atrás e longe dali. Nós nos questionávamos se nossos pais, nas altas montanhas do Laos, haviam tido de reaprender o básico sobre caminhar quando tinham nossa idade, quando as bombas caíam e as crateras tomavam a terra, destroçando os caminhos de suas vidas para sempre.

Naquele primeiro verão, deparei-me com o desafio de não conseguir o que mais desejava: ver minha avó na Califórnia. Também queria que ela se sentasse comigo em nosso pequeno alpendre, conversasse comigo através das janelas de nossa casa, me contasse como havia sido quando ainda estávamos juntas. Dinheiro, algo pelo qual eu implorava como uma pedinte em

penúria, tornou-se uma pedra no caminho. Ela havia chegado à América no fim de agosto com a família do tio Hue. Pelo telefone, sua voz emocionada à distância e, ainda que não pudesse ver, suas lágrimas, eu as sentia em meu próprio rosto. Dawb implorou comigo por essa coisa que nós duas queríamos tanto: por favor, deixem-nos ver a Vovó. Nossa mãe e nosso pai negaram com a cabeça. Não era uma explicação — era um novo fato em nossa realidade. Não tínhamos dinheiro suficiente.

Fatos não são suficientes para crianças. Nós tínhamos perguntas.

Eles tentavam explicar fatos: “Dinheiro não é algo feito pelo coração.”

Não nos convencíamos, mas sabíamos que eles também queriam ver a Vovó; então, aceitávamos. Pelo telefone, com as lágrimas da Vovó em sua voz, com as lágrimas em nossas faces, nós nos prometemos um futuro na América.

Falamos: “Um dia, conseguiremos chegar até você. Este país é grande. Mas não tão grande como nosso amor por você.”

Ela chorou. Não conseguimos ouvir o que ela tentava dizer. Choramos com ela. Pingos de lágrimas molhavam o gancho. Queria acreditar que as lágrimas chegariam até ela, mas sabia que não iriam. Apenas seres humanos podem alcançar uns aos outros; lágrimas são apenas água; água salgada que não controlo, elas escorrem dos meus olhos, descem de minhas bochechas para meus lábios, para a ponta da minha língua, até que as removo com a manga da roupa.

Comecei a sonhar com dinheiro, notas de dólar que se misturavam dentro de cilindros iguais a grandes lixeiras, e elas rolavam na minha cabeça, barulhentas e nervosas, tranquilas e suaves. Depois dos meus sonhos, tomei decisões. Quando eu crescer, terei dinheiro. Quando eu crescer, nunca mais vou precisar de dinheiro. Quando eu crescer, vou tratar o dinheiro tão bem que ele vai querer sempre estar comigo. Quando eu crescer, vou odiar tanto o dinheiro que ele vai ter pavor de mim e vai ficar longe de mim. Dinheiro era como uma pessoa que nunca havia conhecido ou como um muro que nunca havia rompido: ele me mantinha longe da minha avó. Não via nenhuma forma de escalar essa muralha. Às vezes eu pensava tanto em dinheiro que não conseguia dormir. Dinheiro não eram notas e moedas ou um benefício da seguridade social. Na minha imaginação, era muito mais: era o pesadelo que desunia os amores na América.

O auxílio da assistência social chegou na caixa de correspondência perto do primeiro dia do mês. Éramos uma família de quatro, então recebíamos 605 dólares por mês. O aluguel custava

250 dólares, e nosso padrinho estava ensinando meu pai a dirigir porque uma família não sobrevive sem carro na América. Meus pais haviam comprado um Subaru marrom velho em prestações mensais. Depois que pagávamos o seguro do carro, a conta de luz e a do gás, ficávamos apenas com 150 dólares para gastar com: gasolina; sabonete líquido Dial e xampu Pert Plus; lâmpadas extras e sacos para o aspirador de pó que ganhamos do bazar da igreja, loção de vaselina e sabão em pó para que minha mãe pudesse lavar nossas roupas na banheira. E ainda havia o dinheiro que tínhamos de poupar para ajudar a pagar os jantares de nosso clã, em que falávamos sobre a vida na América, e também o dinheiro para emergências, como doença e morte. Nossa história nos ensinara esta lição: tempos duros eram inevitáveis, mas quando viessem, nós, hmongs, teríamos que ajudar os hmongs a sobreviver.

Naquela nova vida de evitar olhar de perto os americanos, de andar cuidadosamente em ruas pavimentadas, de viver sem dinheiro, minha família se sentava em frente à televisão em preto e branco e assistia a novelas. A esposa de meu primo, ainda sem saber bem inglês, vinha com seus filhos e traduzia os programas para nós. Os americanos na televisão beijavam e beijavam e beijavam, e eu tapava os olhos com os dedos e cuidadosamente os deslizava e olhava pelas frestas. Meu primo e sua esposa tinham filhos pequenos que choravam o tempo todo e bebiam litros de leite de vaca. Preocupava-me que se tornassem uns bezerrinhos. Eu assistia à televisão, e os dias se passavam, um após o outro.

De noite, as famílias se juntavam para longas conversas, sempre sobre a sobrevivência na América, o mesmo assunto que os adultos da minha família iniciaram na primeira noite em que chegamos ao país. Era uma conversa que continuaria pelos próximos vinte anos. Como vamos sobreviver na América e continuar amando cada um de nós como fazíamos no Laos? Nós devemos fazer piqueniques anuais com toda a família para discutir nossos problemas e nosso progresso. Quais são as opções seguras para uma família economizar dinheiro? Se uma família comprasse um saco de arroz Kokuho de 50 quilos em uma loja hmong (apenas uns vinte dólares na época) e depois fosse ao açougue Long Cheng para comprar um porco por cem dólares para colocar no freezer, não passaria fome. Qual era o melhor programa para ajudar um homem a achar

trabalho, a *Lao Family Organization*¹, formada pelo General Vang Pao, ou a *Hmong American Partnership*², liderada pelos homens hmongs que estavam em vias de se estabelecer no país? Ir para a *Hmong American Partnership*, porque eles eram menos politizados do que a *Lao Family*. A política havia destruído nossas vidas por tantas vezes. Para sobreviver na América, devemos tentar focar naquilo que podemos controlar: nós mesmos. Eu ficava sonolenta durante essas conversas.

A vida sem dinheiro se tornava maior do que as coisas que queríamos ou as que não podíamos fazer. Ela se tornava as próprias coisas que eu cheirava e tocava, as pessoas que eu amava. Comprávamos de lojas de segunda mão. Juntos, descobríamos os corredores das lojas Goodwill e Savers. Conhecemos os subsolos de igrejas. As pilhas de roupas mal dobradas e o cheiro que pairava no ar, a poeira e o mofo se misturando em lugares fechados que não haviam visto luz do sol ou ar fresco por muito tempo. Em vez de saias coloridas, minha mãe usava calças de cores sólidas e, em vez de calças de tecido macio, meu pai vestia jeans. Meus dedos amassavam os tecidos dos seus armários, e meus olhos notavam a ausência de cor.

Em meio a isso, minha mãe e meu pai tentavam proteger nossas visões sobre a América. Falavam que as roupas usadas eram como mapas da estrada que nos tiraria da pobreza e nos levaria ao sucesso, sinais de um futuro feliz neste país. Diziam que assistir à televisão era um luxo. Deveríamos prestar atenção e aprender alguma coisa. Seus sorrisos e risadas eram para nós, para encobrir o nada em nossas vidas.

Eu tinha saudade da minha avó e percebia a roupa usada dos meus pais. Sentia o peso da estrada diante de nós. Os únicos sinais de estrada de que gostava eram as placas vermelhas que os caminhões de sorvete exibiam quando as crianças atendiam à sua melodia. Quando o caminhão começava a chamar as crianças, minha mãe dava a Dawb e a mim algumas moedas para comprar a guloseima. Dávamos as moedas ao homem de roupas brancas e ele nos dava picolés Kemps de sabor banana — gelados na palma de nossas mãos, bem presos nos nossos

¹ A *Lao Family Organization*, também intitulada *Lao Family Community*, foi fundada em 1976, nos Estados Unidos, pelo Coronel Vang Pao, importante figura política na diáspora hmong nos Estados Unidos (Moua, 2012). Vang Pao ficou conhecido por comandar, no Laos, guerrilhas secretamente auxiliadas pelo serviço de inteligência estadunidense (Mournes, 2011; Torres, 2011).

² A *Hmong American Partnership* (HAP) é uma organização não governamental de apoio social à diáspora hmong nos Estados Unidos. Fundada em 1990 em Minnesota, é hoje uma das maiores organizações hmongs no país (Melo, 2019; Hap, 2022).

dedos impacientes. Todos os dias, o homem do sorvete vinha com sua música e sua placa de trânsito. Todos os dias, eu esperava ansiosamente.

Um dia, perguntei à minha mãe como não tínhamos dinheiro para visitar a Vovó na Califórnia, se ela tinha moedas para sorvete.

Ela me respondeu com indiferença, “Porque eu não gosto de ver vocês olhando as outras crianças correrem para o caminhão. Porque até mesmo da janela, uma criança consegue farejar o doce do açúcar. A sua garganta até se mexe quando outra criança lambe o sorvete.”

O caminhão vinha todos os dias, e então os dias ficaram mais frios e o apetite por sorvete ficou menos frequente. O único sinal de trânsito de que gostava na América foi embora quando o verão virou outono.

Tenho uma imagem da minha mãe e do meu pai em uma ponte sobre uma larga rodovia. Estão observando as pessoas ocupadas no caminho, mas elas não têm aonde ir. O céu é de um cinza retumbante, talvez em antecipação à chuva de outono. Eles são pouco mais que dois contornos, juntos de pé, sem se tocarem, olhando a mesma direção, sem se moverem. Com suas jaquetas finas e de tamanhos errados, muito grandes e muito longas, eles assistiam àquelas pessoas que tinham trabalho e lugares para ir, com crianças pequenas bem seguras nas cadeirinhas dos bancos de trás. Naquele primeiro ano, e por muitos anos depois, meus pais gastaram tempo demais ansiando serem desconhecidos. Eu sentia isso na época, e também sinto agora. Mal basta estar simplesmente vivo. Essa imagem, que se repetiu várias vezes durante todo aquele primeiro ano na América, foi como meu pai aprendeu os tipos de carros que não deixam as famílias na mão nas estradas, quais carros, mesmo quando velhos, pegam no tranco. Foi assim que ele se tornou um defensor das marcas Toyota e Honda. Foi assim que começou o medo de dirigir da minha mãe. Todo mundo era tão treinado, tão rápido, confiante um no outro, mas sempre algo podia dar errado — o som de ambulâncias e carros de polícia ao longe. À distância, via minha mãe e meu pai de pé na ponte sobre a rodovia, segura na calçada da minha juventude.

...

Quando os dias e as noites ficaram mais frios, e o verão deu lugar ao outono, meus pais começaram a falar sobre Dawb e eu nos tornamos pessoas instruídas. Praticamente pararam de falar sobre dinheiro. Tornaram-se esperançosos. Para minha mãe, o pensamento era simples: nós todos tínhamos de ir à escola para que pudéssemos aprender sobre a América. Para meu pai, o

pensamento era mais complicado, abrigando mais emoções e dando origem a mais perguntas que respostas. Ele disse que não poderíamos mais esperar. Não poderíamos mais brincar todo o tempo — mesmo se fosse somente em nossas cabeças. Tínhamos de aprender a crescer para sermos boas pessoas. Os hmongs nunca haviam estado numa terra tão distante como agora nos Estados Unidos. Nós viveríamos ali mais do que havíamos vivido em qualquer outro país. A única forma de viver na América era aprendendo suas possibilidades, e a forma de fazer isso era indo à escola.

Meus pais sabiam que Dawb havia ido bem na escola no Campo de Refugiados de Ban Vinai e no Campo de Transição para os Estados Unidos, Phanat Nikhom. Eles tinham uma aluna e tanto. Esperavam que eu também fosse me sair bem. Quando me viram morder os lábios, olhando para a escola, tranquilizaram-me. Eu havia aprendido a falar cedo. Perguntava centenas de coisas por dia. Eles me contaram uma história sobre um gato. Perguntei: O gato da história tem uma boca? Dois olhos? Patas em vez de mãos e pés? Tem também uma cauda? Eles não tinham muita instrução, mas sabiam que, para aprender, era preciso ter curiosidade. Eu me daria bem na escola.

Um primo nos matriculou primeiramente na escola primária Battle Creek. Lá havia uma mulher branca com cabelo encaracolado que vestia uma camisa vermelha de gola rolê e um suéter com estampa de rena. Ela usava meias-calças brancas e saltos pretos. Sua saia era de brim. Era a examinadora e nos pediu para recitar o abecedário. Tive de ir primeiro. Disse, “A, B, C.” Depois parei. Ela pediu que eu recitasse novamente o abecedário e meu primo me sinalizou que dissesse as letras novamente, então as repeti outra vez, “A, B, C.” A mulher tentou mais algumas vezes e então balançou a cabeça. Ela me mostrava cartões de cores diferentes e eu sorria a cada vez que ela trocava o cartão. Diga as cores. Eu as falava em hmong. Ela balançava a cabeça. Então ela mostrou os números, mas eu não os conhecia, então eu sorria um pouco mais. Ela balançou a cabeça, e então meu primo pegou minha mão e me puxou delicadamente para o seu lado, e empurrou Dawb à minha frente. Dawb disse o abecedário. Disse que todas as cores eram “amarelo”. Disse os números em inglês até o dez, e depois se prontificou a continuar contando os números em hmong e em tailandês. A escola primária Battle Creek nos aceitou. Colocaram Dawb no segundo ano e a mim, no primeiro...

...

Dawb correu para fora. Coloquei a colher na mão de minha tia, e corri atrás de Dawb. Chegamos a eles ao mesmo tempo. Minha mãe carregava nosso irmão nos braços, caminhando devagar. Ele não estava dormindo. Eu podia notar, porque ele me olhava com aqueles olhinhos pretos, mas, como se ele estivesse dormindo, minha mãe falou bem calmamente, sussurrando: “O nome dele é Xue. Um dia, quando ele for maior, nós o chamaremos Zong Xue.”

Deram a ele um nome forte. Em hmong, *xue* significa conhecimento, habilidade. *Zong xue* significa floresta de conhecimento, floresta de habilidade. Queria odiá-lo um pouquinho, mas não estava certa se sabia como era sentir ódio. Escutava meu coração: nenhum pulo errático, apenas as batidas regulares em resposta. Não conseguia achar o ódio dentro de mim. Mas não o amei imediatamente, como Dawb o amou. Porém ele era pequeno e fraco, e eu não podia machucar um bebê assim. Até queria segurá-lo. Minha mãe e meu pai sorriam, o tempo todo felizes. Perguntei a eles por que nunca me disseram que minha mãe estava grávida. Responderam que eu era muito nova. Não acreditei neles. Somente queria me impedir de saber. Era muito nova para saber que minha mãe estava grávida, mas não era nova para ser uma irmã mais velha? Isso não fazia o menor sentido.

Tentei procurar por mudanças no início. Xue, o filho pelo qual haviam esperado tanto, o menino cujo espírito veio até nosso mundo depois de seis outros antes não conseguirem. Xue, a pequenina cabeça redonda de lábios vermelhos como uma pimentinha, seu hálito cheirando a cana de açúcar e a arroz aromático cozido ao vapor. Minha mãe o tratava docemente, mais docemente do que a mim, como se ele fosse mais delicado e mais frágil, mas eu não tinha ciúmes. Fazia sentido. Ele se assustava facilmente. Se eu fosse barulhenta, ele choramingava durante o sono. Se eu estivesse agitada, ele fazia caretas, levantava as sobrancelhazinhas marrons e enrugava a testa. Meu pai o tratava como uma criança normal. Eu prestava atenção no jeito como meus pais falavam e me tratavam. Notei que não havia ocorrido nenhuma mudança significativa.

Não demorou muito tempo para concluir que a chegada de Xue nas nossas vidas mudou muitas coisas, mas não a forma como nossos pais nos amavam, a Dawb e a mim. Meus tios, minha avó, toda a minha família ficou animada por nós; todos ligavam e diziam o quanto estavam felizes pela chegada, finalmente, de um bebê homem. Comecei a me sentir orgulhosa, como se tivesse algo a ver com a descida do espírito de Xue das nuvens para o nosso mundo. Se eu havia

sido um presente na época em que minha mãe e meu pai não ousavam sonhar com presentes, Xue foi um milagre pelo qual haviam esperado por um longo tempo.

Como no ano em que nasci, 1989 foi um ótimo ano para bebês em nossa família. Todas as minhas tias e meus tios, exceto por um casal, tiveram um bebê naquele ano. Foi como se todo mundo quisesse ter um bebê na América. Os adultos continuaram a dizer que éramos sortudos por estar na América, por termos novas vidas se abrindo ante nós, mas acrescentavam uma frase diferente para as crianças novas.

Todos eles diziam: “Estas novas crianças são americanas.”

Tudo o que estas novas crianças conheceriam seria a América. Elas não teriam campos de refugiados na Tailândia com que comparar suas vidas aqui. As histórias do Laos seriam apenas ouvidas, como eu antes as tinha ouvido, dos adultos. A guerra e a tragédia e a dificuldade do início de nossas vidas, elas somente as sentiriam através do filtro das nossas memórias. Era nosso dever, de todos os irmãos e irmãs mais velhos, até das mães e dos pais, garantir que estes jovens americanos tivessem um mundo melhor do que jamais havíamos conhecido. Era uma grande obrigação, e eu a tomei seriamente.

Xue dá forma às memórias que eu carrego daquele tempo. Ele chorava à noite. Minha mãe e meu pai estavam sempre caminhando com ele pela casa, tentando acalmá-lo. Ele chorava durante o dia. Minha mãe se sentava com ele no colo, perto de um pequeno aquecedor elétrico de água que haviam comprado apenas para ele. Não havia mais fogo de verdade para aquecer os bebês, como havia na Tailândia e no Laos, mas na América existia substituição para as coisas reais. Às vezes, minha mãe pedia para que me sentasse e ficasse imóvel e o colocava em meus braços. Ele se balançava e olhava para mim, e eu sorria para ele. Demorou um bom tempo para que ele aprendesse a sorrir de volta. Não me lembro de cuidar dele ainda bebê, somente sei que ele estava em minha vida. Talvez eu estivesse muito ocupada na escola, tentando me educar, dominada pelo meu silêncio crescente.

Eu estava ficando boa em várias matérias: matemática, inglês, estudos sociais, ciências e arte. Meu boletim era cheio de notas 4 (ótimo) e notas 3 (bom). Eu tinha aprendido como ser uma boa aluna na América, salvo por uma coisa importante. Eu tirei 2 (necessário melhorar) em todas as coisas que tinham a ver com fazer amigos e conversar. Dei-me conta de que estava esquecendo como se conversava, e tudo imediatamente começou a ficar mais complicado. Havia

crianças hmongs que não eram sequer melhores em inglês do que eu, mas tentavam falar inglês a torto e a direito, o que os fazia parecerem jovens e bobos e novos. Havia uma parte de mim que se sentia velha. Em vez de falar, eu me focava em escutar.

Na terceira série, a professora sisuda de cabelos castanhos não se importava. A outra garota hmong na classe falava bem inglês, talvez por isso a professora percebeu que eu não falava. Havia crianças americanas por toda parte. Eu tinha vergonha de falar sua língua na frente delas porque, às vezes, quando eu sussurrava algo errado, algumas riam. A professora me encorajava a falar e franzia as sobrancelhas quando eu respondia sem palavras às suas perguntas, quando eu confirmava ou negava com a cabeça em vez de usar minha voz. Ela me fez sentir que meu silêncio era algo ruim. Tentei responder-lhe em sussurros, que eu dizia da forma mais curta possível. Negligenciei qualquer ornamento da minha vida para mantê-la simples:

“Kao.”

“Aqui.”

“Sim.”

“Não.”

“Bem.”

“Ok.”

“Obrigada.”

“De nada.”

“Tchau.”

Meu vocabulário era curto, e nunca me voluntariei para falar. Por dentro, começava a ficar com raiva de mim mesma. Por que não falava? Por que não conseguia que minha voz soasse normal em inglês? Ela parecia sempre estar presa na garganta, e ficava perceptível no meu rosto o tanto que eu tentava. As palavras saíam da garganta envoltas em ferrugem.

Apesar do meu silêncio, sabia que meu domínio do inglês crescia. Já não precisava que os americanos repetissem ou falassem devagar. Eu entendia, somente não lhes respondia. Então minha compreensão não era perceptível. Os americanos na minha escola não acreditavam que eu entendesse o que diziam.

Em casa, eu devia usar meu inglês. Não era uma questão de escolha. Minha mãe e meu pai haviam se tornado tímidos na América, especialmente em relação ao inglês. Estavam tomando

conta de nós quanto às coisas importantes: comprando comida e roupas, garantindo que o auxílio fosse depositado e cuidando do dinheiro para que tivéssemos régua de plástico para as aulas de matemática e botas de inverno para a neve de Minnesota. Mas sempre que era preciso interagir com americanos aleatórios — na loja Kmart, ao comprar protetores de tomada para que Xue não enfiasse os dedos nos buracos, ou no Walmart, procurando o corredor para trocar os sacos do aspirador de pó —, Dawb se tornava a intérprete. Se Dawb não estivesse lá, eu teria que falar.

É difícil para os filhos verem seus pais vacilarem perante adultos. Queríamos protegê-los e também preservar a imagem que tínhamos de sua competência, de que sabiam como cuidar de nós, de que nos amavam de todas as formas possíveis. Então nós assumimos o fardo da língua. Não imaginamos como isso mudaria nossos papéis como crianças, ou mesmo suas habilidades como pais. Era mais um passo necessário para a sobrevivência da família.

Meus pais sabiam que eu não falava muito na escola, mas os dois sabiam que eu estava aprendendo inglês. Haviam me visto escrever cartas para a Vovó na Califórnia. Notavam quando eu ria nas partes engraçadas de *Tom & Jerry*. Mas o que mais me denunciava era a raiva. Sempre que ficava com raiva, eu falava em inglês, a menos que ficasse com raiva deles, já que nesse caso queria que entendessem tudo o que dizia, então fazia meu melhor para ficar enfurecida em hmong:

“Dawb é uma grande preguiçosa, e vocês nunca pedem pra ela fazer nada. Vocês sempre me pedem porque eu vou lá e faço. Facilito demais pra vocês! Vocês são injustos! Vocês são pais, e vocês não estão fazendo seu trabalho direito!”

Eu não sabia palavras suficientes em hmong para satisfazer minha raiva. As palavras que eu sabia justificavam a raiva, mas não a mostravam. Meus pais faziam questão de não dizerem palavras em hmong na nossa frente. Em inglês, no entanto, eu estava aprendendo. Quando as crianças ficavam bravas na escola, geralmente falavam “foda-se” e “vaca” e “merda”. Quando eu ficava com raiva, quando me magoavam, ou me sentia machucada ou fraca, eu usava essas palavras num sussurro furioso só para mim. Meus pais odiavam isso. Eles também haviam aprendido o significado dessas palavras. Diziam que se eu quisesse aprender a falar inglês, então que usasse a língua para uma causa nobre: nossa sobrevivência.

Meus pais tentaram seu melhor no inglês, mas seu melhor não chegou perto do nível de Dawb e do meu. Aprendíamos a língua mais rápido, então nos tornamos as intérpretes e tradutoras para os negócios da nossa família com os americanos. No começo fizemos isso apenas porque

era fácil e não queríamos vê-los se esforçar tanto com coisas simples. Estavam trabalhando duro por coisas mais importantes nas nossas vidas. Depois compreendemos que muitos outros primos e amigos estavam fazendo o mesmo.

Lembro-me de estar no mercado com meu pai, comprando fraldas para Xue. Não tinha o tamanho dele nas prateleiras. Eu odiava falar inglês fora de casa. Até com meus primos eu não gostava de falar a língua. Meu pai ainda procurava nas prateleiras. Calma, respira. Sou uma irmã mais velha. É o mínimo que posso fazer. Comecei a chamar meu pai de *Daddy*³.

“*Daddy*, vou perguntar a eles se têm alguma nos fundos da loja.”

“Vou com você.”

Pus minha mão na dele e andamos até o funcionário no balcão de atendimento ao cliente. Eu tinha a noção de que meu pai me ouviria falar. Mal conseguia enxergar por sobre o balcão. Fiquei na ponta dos pés, com uma mão sobre o balcão para me equilibrar. Tentei parecer valente. Estava hesitante e quieta quando as palavras saíram.

“Você teria um pacote de fraldas Pampers tamanho um? Não vimos nenhum na prateleira.”

Balancei a cabeça para confirmar minhas palavras. Não podia confiar em mim mesma em inglês; minha mãe e meu pai mal podiam confiar em mim.

Meu pai disse numa voz mais alta: “Pampers tamanho um.”

Levantou um dedo. Tampouco confiava nele mesmo em inglês.

O fato de que tão poucas pessoas confiavam em si mesmas em inglês era um grande problema para minha família extensa. Com o tempo, as crianças eram convidadas para discussões em família sobre como melhorar suas vidas na América. Reuníamos a família na casa de uma tia ou de um tio; geralmente marcavam as discussões porque estavam preocupados que seus filhos estivessem perdendo oportunidades em se tornar pessoas instruídas na América. Todos os primos mais novos eram levados a trilhar o caminho oposto ao dos ruinosos primos mais velhos — isso porque geralmente eles saíam com amigos e começavam a falar em inglês em casa, e, às vezes, quando estavam com raiva dos pais, entravam em seus quartos e batiam as portas, dizendo que

³ No original, a autora escreve “*Daddy*”, entre aspas, sinal de que se tratava de um nome estrangeiro introduzido na interação verbal realizada em língua hmong entre os familiares. Assim, mantivemos a palavra em inglês, que significa “papai”, em português.

suas vidas eram horríveis e que desejavam nunca terem nascido. Nessas discussões de família, os adultos apontavam os bons exemplos dentre os primos para que nós os seguissemos — geralmente eles iam à escola todos os dias e voltavam no tempo certo, e falavam hmong em casa, e, às vezes, quando estavam felizes com suas mães e seus pais, falavam sobre como tinham sorte de estar na América e de terem oportunidades de viver bem. O ensino médio foi o nível educacional mais alto a que as crianças da nossa família haviam chegado até então. Quando íamos a essas reuniões de família, normalmente me sentava com os primos de idade próxima. As reuniões eram sempre iguais. Começavam com as mesmas palavras, em hmong, por um tio (eles se alternavam):

“Nós quase morremos na guerra. Muitos hmongs morreram na guerra. Somos afortunados por termos chegado à América. Muitos tentaram chegar até este país de oportunidades. Agora estamos na América. Aqui existem escolas para as crianças. Existem universidades. Suas mães e seus pais não são pessoas instruídas. Talvez vocês vão à escola e vejam que seus colegas de sala têm pais que são médicos e advogados e vocês indaguem por que suas mães e seus pais não trabalham e recebem benefício por invalidez e não se sustentam, sequer a vocês. Não somos médicos nem advogados. Nunca tivemos essa chance. Não falamos inglês. Vocês podem.”

Eles reforçavam o quanto nos amavam e como desejavam que nos tornássemos ótimas pessoas na América. Diziam entender que alguns de nós nos envergonhássemos na escola por ganhar refeições gratuitas e porque nossos pais recebiam benefícios sociais. Às vezes choravam. Nessas reuniões, entendi que aquilo que deixava meus pais tristes não era tanto a dureza da vida que eles levavam na América, ou da vida que levaram até que chegassem aos Estados Unidos, mas a dureza de *nossas* vidas na América. Sempre se tratava das crianças. E assim a pressão aumentava.

As crianças se sentavam e ouviam. Eu sempre achava que as conversas seguiam por muito tempo e eram sempre iguais a cada encontro, mas gostava dos encontros porque a família estava unida. Mesmo então eu sabia que poucas famílias americanas se reuniam e tentavam conversar entre si sobre se tornarem melhores pessoas no país. Era algo especial que minha família fazia. Alguns dos meus primos definitivamente não gostavam dessas conversas, sobretudo aqueles cujos pais marcavam as reuniões. Eles se sentiam publicamente ridicularizados. Reclamavam das comparações entre as crianças.

Um dos primos, aquele com quem minha família viveu quando chegamos, havia terminado o ensino médio. Estávamos todos orgulhosos dele. Ele parecia mais velho e mais esperto e mais estiloso para mim do que qualquer outro primo, porque ele carregava um caderno amarelo e uma caneta nas reuniões familiares. De vez em quando usava um terno. Ele disse que iria para a faculdade se a família o ajudasse. Claro que todos o ajudaríamos — até as crianças concordaram. Então sim, ele iria. Faria a matrícula em uma faculdade comunitária e depois pediria transferência para a Universidade de Minnesota. Ele traçaria um caminho para nós na América rumo à educação; assim, quando chegasse nossa vez, poderíamos segui-lo. Ele havia aprendido o termo “modelo de comportamento” e o usava com autoridade e ressonante eloquência, deixando os adultos estupefatos. Dawb ouvia com atenção essa parte da conversa. Eu notava como ela confirmava com a cabeça enquanto ele dizia cada palavra, os olhos dela acompanhavam a caneta sobre o papel no momento em que ele riscava cada tópico que havia concluído.

Em casa, Dawb me disse que deveríamos nos esforçar muito para ir para a Universidade de Minnesota também. Era uma ótima universidade, falou. Era a Universidade de Minnesota — os americanos inteligentes estudavam ali, como os professores dela. Somente os hmongs com mais sorte e os mais inteligentes poderiam ir. Tínhamos de nos empenhar muito para que nosso pai tivesse orgulho de nós. Dawb disse que o plano era ambicioso e que não deveríamos contar a nossos pais, ou a nossa avó ou mesmo a qualquer um que queríamos estudar lá. Ela entendia o sentimento de não corresponder àquilo que as pessoas esperavam de nós. Eu não a contradisse. Sequer estava certa se queria continuar com tais planos. Dawb explicou que as pessoas poderiam rir se lhes contássemos. Com essa parte, eu concordei. Dawb continuou, disse que poderíamos lembrar uma à outra caso esquecêssemos que a Universidade de Minnesota era ótima. Falou que possivelmente nós poderíamos nos qualificar e matricular se estudássemos muito e realmente aprendêssemos inglês. Eu sabia que ela não tinha problemas com o inglês. Ela estava tentando ser gentil ao dizer “nós”. Poupei minhas palavras: não lhe disse que eu não me importava realmente quanto à Universidade de Minnesota ou a faculdades. Eu não estava nem no ensino fundamental II ainda.

Penso que cada um dos meus primos ainda se lembra das palavras que eram ditas nos encontros de família. Podíamos ver os sonhos de nossos pais em suas palavras. Quase sempre fazia calor, e as janelas ficavam abertas, e os vidros embaçavam enquanto a noite caía. Minhas

tias preparavam a comida: arroz morno e asas de frango fritas, carne com vegetais temperados com molho de ostra, e potes de frango com curry vermelho e salada verde, e sempre uma variedade de refrigerantes. O meu favorito era o Sunkist, e sempre tomava uma lata, embora nunca terminasse, somente bebia metade e depois me sentava e olhava os adultos e os primos bons e os primos maus e sabia que também não queria ser nenhum deles. Sabia que se não aguentasse a pressão para ser boa, então seguramente seria má. Mas não contava a ninguém.

Às vezes, nas reuniões, os adultos circulavam e pediam às crianças para ficarem de pé e dizerem em frente a todos da família qual profissão se esforçariam para conseguir, o que realizariam para fazer valer a viagem que suas mães e seus pais fizeram por eles. O ar ficava pesado, e nossos corpos, em alerta. Antes das reuniões, minha mãe nos pedia, caso nos perguntassem, que disséssemos modestamente, especialmente nós, as garotas:

“Eu tentarei meu melhor na escola. Não sei dizer o que serei no futuro. Agradeço-lhes por nos dizer para sermos bons filhos.”

Penso que minha mãe não era a única a ditar o que seus filhos deviam dizer nas reuniões. Lembro-me de que vários primos ficavam de pé, tremendo um pouco, limpavam a garganta, e falavam sobre seus sonhos e ambições com voz trêmula, mas não tenho memória de fazer a mesma coisa. Uma parte de mim sabia que essas reuniões eram mais para os meninos da família do que para as meninas. Éramos ensinadas a ser boas garotas. Éramos ensinadas a sonhar com a escola. Sabíamos que os garotos levariam adiante o nome da família, seriam chamados para a vida e para a morte pelo sobrenome Yang que nós todos carregávamos.

Meu pai nos contou que éramos o futuro dele na América, que não importava se nós fôssemos garotos ou garotas. Ele havia chamado nosso espírito das nuvens, e nós seríamos seu futuro na terra (não importava se nossos filhos carregassem o sobrenome de outros homens e vivessem em legados que ele não poderia ter). Estávamos na América, e o tamanho pequeno de nossos pés não determinava a distância que poderíamos percorrer na vida. Xue era somente um bebê, ele disse, e acrescentou, sinceramente: “Serei muito feliz se um dia Xue crescer e se tornar exatamente como vocês duas. Não menos, não mais, exatamente como as irmãs dele.”

Vovó nos visitou no verão depois do nascimento de Xue e viu esse primeiro filho homem de nossa família. Xue não buscou seu colo, e ela não o tomou — eram como estranhos um para o outro. Ela não permaneceu tempo suficiente para conhecê-lo como nós o conhecíamos — havia

pouco tempo para criar laços — e Vovó saiu, beijando-nos, a Dawb e a mim, abraçando-nos, e olhando para Xue, apenas um pouco, enquanto ele sorria no colo da minha mãe. Uma parte de mim se tornou protetora daquele pequeno garoto e das expectativas não ditas do homem que um dia ele teria que se tornar. Perguntei-me se ela o achou tão fofo como eu achava. Depois do abraço, eu segurei a mãozinha de Xue e nós dois acenamos adeus.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: Conceitualização, Administração do projeto, Supervisão, Escrita - revisão e edição. CAMPELLO, Priscila Campolina de Sá. Conceitualização, Escrita - rascunho original. DIEGUEZ, Tiago Ruas.

Referências

MELO, Frederick. Hmong American Partnership plans two training centers, high school and assisted living at 3 St. Paul sites. *Pioneer Press*, St. Paul, MN, 29 abr. 2019. Disponível em: <https://www.twincities.com/2019/04/29/hmong-american-partnership-plans-two-training-centers-high-school-and-assisted-living-at-3-st-paul-sites>. Acesso em: 20 jul. 2022.

HAP. *About us*, 2022. Disponível em: <https://hmong.org/about-us>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MOUA, Chai Charles. *Roars of Traditional Leaders: Mong (Miao) American Cultural Practices in a Conventional Society*. Lanham, MD: University Press of America, 2012.

MOURNERS Salute Beloved Hmong Leader Gen. Vang Pao. *CBS News*, Fresno, CA, 4 fev. 2011. U.S. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/mourners-salute-beloved-hmong-leader-gen-vang-pao>. Acesso em: 20 jul. 2022.

TORRES, Jennifer. Hmong community pays tribute to its beloved Vang Pao. *Recordnet.com*, Stockton, CA, 27 jan. 2011. Human-interest. Disponível em: <https://www.recordnet.com/story/entertainment/human-interest/2011/01/28/hmong-community-pays-tribute-to/50269170007>. Acesso em: 20 jul. 2022.

YANG, Kao Kalia. The Latehomecomer. In: HUNTER, Gordon (Ed.). *Immigrant Voices: volume II*. New York: New American Library, 2015. p. 401-420.